

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA
LITTERATURA E ARTES

...ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... In Christo Jesus

ID. 13. 14.

SUMMARIO: *Respeito humano*, por M. S.—Secção Religiosa: *Pensamentos christãos*.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus*, 82.º, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *Homens*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Bibliographica.—Secção Illustrada.—Secção Necrologica, por D. P.—Secção Litteraria: *Sub tuum praesidium*, por ***.—Retrospecto, por D.—Variedades: *Uma boa lição*, Vers. de Cesar Carmo.

Gravuras: *Messina; Montreal.*



MESSINA

EXPEDIENTE

Os pagamentos podem ser entregues aos correspondentes locais, ou enviados ao Sr. José J. da Silva Guimarães, rua de Gil Vicente, 64, GUIMARÃES. A maneira mais segura de fazer pagamentos é em vales do correio.

São nossos correspondentes em:

ALDÉA GALLEGA DO RIBATEJO—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre Theodoro de Sousa Rego;
 ANGRA DO HEROISMO—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre Frederico Amancio d'Almeida Mendes;
 ARCOZELLO (Barcellos)—o Ex.^{mo} Sr. Antonio José Pereira;
 BOTICAS—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre Candido Lourenço Pereira de Carvalho;
 BRAGA—o Ex.^{mo} Sr. Manuel Casimiro da Costa—Largo do Barão de S. Martinho;
 BRAZIL—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Dr. José Gil Vaz—Rua do Amparo, n.º 1—Olinda;
 CÉA—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre Manuel d'Almeida Fonseca—(de Girabolhos);
 COVILHÃ—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre José da Costa Oliveira Pinto;
 ERICEIRA—o Ex.^{mo} Sr. Diamantino da Conceição Ramos;
 ESTREMOZ—o Ex.^{ma} Sr.^a D. Anna Ritta de Jesus Cabreira Carvalho—Rua de Frei Nuno, 2;
 FERMENTELLOS (Oliveira do Bairro)—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre José Dias Urbano;
 FERMIL (Colorico de Basto)—o Ex.^{ma} Sr.^a D. Rosa de Mendonça Alpoim, da casa de Gagos;
 INDIA—o R.^{mo} Padre Manuel Dias, Capellão do collegio de Nossa Senhora da Piedade, em PANGIM—GOA;
 LAVANDEIRA (Figueiró dos Vinhos)—o Ex.^{mo} Sr. Antonio Carvalho da Lavandreira;
 LEIRIA—o Ex.^{mo} Sr. José de Sousa Monteiro, rua do Commercio, 20 a 26;
 LISBOA—o Ex.^{mo} Sr. Manuel Pedro dos Sanctos, rua do Quelhas, 6;
 LOULÉ (Salir)—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Prior Pedro Teixeira Ramos;
 LOUSADA—o Ex.^{ma} Sr.^a D. Laura Augusta Malheiro de Lencastre;
 MACEDO DE CAVALLEIROS—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre Francisco J. Teixeira Pavão;
 MANTEIGAS—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre José Rabaga de Carvalho;
 MONCORVO—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre Manuel dos Santos Cabral;
 MURTOSA (Estarreja)—o Ex.^{mo} e R.^{mo}

Sr. Padre Manuel Joaquim Frangoso;
 PORTO—o Ex.^{mo} Sr. Joaquim Maria da Costa—aos Loyos (Livraria).
 POVOA DE VARZIM—o Ex.^{mo} Sr. José Gonçalves da Silva (em Beiriz);
 REFOJOS DO LIMA—o Ex.^{mo} R.^{mo} Sr. Padre José Pedro Lopes Calheiros;
 SALIR (Loulé)—o R.^{mo} Prior Pedro Teixeira Ramos;
 SALREY (Estarreja)—o Ex.^{ma} Sr.^a D. Balbina Joaquina de Sousa Guimarães;
 SANDWICH (archipelago)—o Ex.^{mo} Sr. Jacintho Manuel de Gouvêa, Hilo Hawaii, Box 119;
 TORRES VEDRAS—o Ex.^{mo} e R.^{mo} Sr. Padre Antonio Joaquim de Queiroz;
 VIANNA DO CASTELLO—o Ex.^{mo} Sr. Duarte Pereira Dias Ribeiro, rua de S. Sebastião, 159 (Pharmacia).
 VILLA REAL—os Ex.^{mos} Srs. Pedro Maria do Prado, rua do Arco n.º 65, e Domingos dos Santos Lameirão, rua do Carvalho;

As assignaturas do Brazil, da edição vulgar, importam em 3\$200 reis francos, ou 4\$000 reis sendo em papel superior.

As assignaturas de Sandwich, da edição vulgar, importam em 1\$280 reis, moeda do reino.

Agradecemos a resposta que se dignaram enviar-nos alguns dos assignantes a quem dirigimos uma circular com o n.º 14. Aos que ainda não responderam, rogamos empenhadamente o obsequio de não demorarem por muito tempo a resposta supplicada.

A ADMINISTRAÇÃO.

Respeito humano

Quando n'este mundo tem uma função, uma missão a cumprir.

O mineral, o vegetal, o animal, o homem, foram creados para alguma coisa: um fim ha que lhes pertence alcançar.

O ser inanimado, porém, e o proprio animal não tem idéa d'esse fim: obram fatalmente, pela força das leis physicas e chemicas; jazem, vegetam, vivem... mas não sabem se jazem, se vegetam, se vivem. Não ha conhecimento do fim; não ha liberdade para caminhar-se para elle: é o carvão que se cristallisa, é o vegetal que se inflora, é a ave que

se eleva aos ares, é o quadrupede que rumina.

Mas o homem, ser formado de corpo e alma, intelligente e livre, conhece a missão que lhe pertence, é instruido acerca dos seus direitos e dos seus deveres, sabe o que lhe devem e sabe o que deve a Deus, a si, aos outros. A consciencia, a razão, a fé, clamam-lhe unanimes n'este sentido. O para onde vou eu? impõe-se mais evidentemente que o palmo de terra deante de seus passos.

Vou para um fim. E quem me impoz esse fim? O Soberano Senhor de todas as coisas, aquelle Ser Infinito, por cuja vontade e poder se libram as esferas no espaço, se agitam as ondas do Oceano, se elevam os cedros na montanha, se move o insecto nos valles; Aquelle por quem eu sinto, eu penso, eu vivo, acerca de quem me preceitua o Sabio: *In omni virtute tua dilige cum qui te fecit.* (1)

* * *

No entanto, a leitores catholicos, quaes os d'esta Revista, urgirá indicalhes que uma missão lhes foi imposta para que seja realisada em quanto permanecem sobre a terra?

Não.

De sobejo conhecem que um Juiz lhes prescrutará, ponto por ponto, tudo quanto fizeram e tudo o que deixaram de fazer. Não lhes é ignorado que as omissões e as commissões hão de justificar ou um premio ou uma pena. Vêem-no como a luz que os allumia; tacteam-no como o jornal que estão lendo; sabem-no como sabem que existem.

E se, a sós, no retiro de seu gabinete, applicarem ouvido attento ao que lhes segredoa a consciencia, dir-lhes-á: «Alla agora que está satisfeita pelo modo como realisam o seu fim?

D'entre os milhares de nossos leitores quantos oblerão n'est' hora o Placet consciencial?

A decima parte?

Bom fóra que esse numero ao menos podesse responder-se a si mesmo: «Combati o bom combate!»

E' certo porém que nem talvez esse numero possa enunciar tam gloriosa affirmacão. Entre mil obices que os ilaqueam para a acção, ha um que dá força a todos os mais, e inutiliza muita resolução preciosa. Esse obice é... O RESPEITO HUMANO!

* * *

Por causa d'elle quantas vezes, na igreja, converso escandalosamente com o meu visinho, ponho um só joelho em

(1) Ecol. VII, 32.

terra, retiro-me antes de findar a minha oração? Quanta vez soam as Ave-Marias, e, por elle, fico-me de chapéu na cabeça em vez de saudar, como bom christão, a minha Mãe Sanctissima? Por elle, quanta vez escondo na carroagem o jornal catholico de que sou assignante, e vou ler a peste do *Janeiro*, do *Noticias* ou do *Jornal do Porto*? Por elle, quanta vez na estalagem, ou na casa do amigo, commetto o gravissimo peccado de comer carne na sexta-feira ou outro dia de abstinencia? Quanta vez eu, ecclesiastico, ponho a gravata em vez do cabeção e fujo de ir aos exercicios espirituaes onde tantas graças colheria para mim ou para os fieis que eu dirijo? Quanta vez, se sou leigo, deixo a mesa da communhão, aonde me convidava Aquelle que sente delicias em hospedar-se em meu peito? Quanta vez ouço conversações impias, licenciosas, e as deixo correr sem protesto ou collaboro n'ellas cobardemente? Quanta vez resisto á inspiração de suspender na minha sala a estampa do Sagrado Coração de Jesus, só para que as visitas não digam isto ou aquillo? Quanta vez, ao pronunciar ou ouvir o nome sacratissimo de Deus, não imito a Newton, que sempre se descobria, só para que um tolo ou um máo, que está na minha presença, não solte um sarcastico risinho, que em tal circumstancia mais não é que um risinho asnal ou demoniaco?

Ha agora ahi o *partido catholico*, no qual apenas se encontrará remedio para os males da patria, ao qual, como filho da Igreja, me cumpre auxiliar, mas cá sinto o respeito humano a dizer-me— «Alto!»

Força da rima a quanto obrigas,
Que fazes sejam brancas as fornigas!

Maldicto respeito humano! Idolo de todos os tempos, deante do qual os mesmos christãos se não pejam de gemer e nectir pagamente!

Quando, á similhança de Clovis, vos hemos de queimar por uma vez?

Em attenção para com os grandes (e até para com os pequenos!) desdenharemos da amizade de Jesus Christo? Não se envergonham os mundanos de suas iniquas acções, e commetemos a infamia, nós os filhos de Deus, de ter pejo de proceder nobremente? Ao vingativo, ao iracundo, ao jogador ao libertino, ao blasphemo, ao impio, não falta o descaro de se mostrarem quaes são, e a nós mingua a coragem de ostentarmos o distinctivo de cidadãos do reino de Deus?

Como diz Sancto Agostinho, temes desgostar a um grande não tendo a approvação d'elle, e não temes desgostar a Deus, incorrendo na desgraça de ser reprovado por elle!!!

* * *

E' devéras maguador enumerar o exercito immenso dos adoradores do falso deus—o RESPEITO HUMANO! E' que são muitos os chamados, poucos os prudentes que attendem ao convite. Para os espiritos superficiaes mais vale um gostosinho ephemero, uma lisonja mal estudada, um affago do amor proprio ou da vaidade, que o cumprimento severo do dever, que a obediencia aos preceitos e conselhos de Deus.

D'ahi vem o assombro, causado em nós, quando alguém se levanta a andar direito no meio d'uma multidão enorme de corcundas.

Um dia, um distincto personagem entrou na sua igreja quando se celebrava allí uma notavel festividade. O parochio, (esta é a verdade) que era mestre de cerimonias, foi logo cumprimental-o com ademanes e continencias, nada em harmonia com a occasião e o logar. O personagem, catholico pratico, não querendo desconsiderar a Deus, sentia sensível pesar de desattender ao parochio, insistente cada vez mais em homenagens ao recémvindo. Criticava-se tornava a situação quando este, attentando n'um missal, providencialmente aberto onde se liam as palavras *Locus iste terribilis*, nada mais fez que indigital-as ao interlocutor, que, mal as comprehendeu, calou-se, córou, retirou-se e ficou corrigido para toda a vida. (1)

Eis um a quem não curvam respetos humanos.

Na *Vida do Padre Ravignan* lemos o seguinte ácerca do marechal de França Leroy de Saint-Arnaud, o vencedor da batalha d'Alma: «O marechal era incapaz de se mostrar christão por hypocrisia, ou de occultar sua fé, temeroso do respeito humano. Tinha a coragem de *crer bem alto*. Quando o Padre Ravignan ia ao gabinete do ministro, ou este vinha á cella do jesuita, era á vista de todos, e pôde afirmar-se que o nobre guerreiro se confessava deante do exercito e na presença da córte.»

O general de Villeret, fallecido em 1845, deixou-nos um exemplo não menos frisante, severa licção aos *espiritos fortes* e correcção valiosa aos *espiritos fracos*. Era nas Tuileries. Luiz Philippe dava um jantar onde se viam congregados os mais altos dignitarios da córte e do exercito. A' direita da rainha tomava assento o general de Villeret,

(1) E' historico. Diga-se porém, para honra do clero, que este facto se deu ha talvez trinta annos, sendo já fallecidos os dois a quem nos referimos. A educação do clero tem melhorado, os bons costumes regressaram, de sorte que hoje fóra talvez difficil encontrar um mestre de cerimonias instruido em semelhante ritual.

que devia esta insigne honra á reputação do muito valor e de sua inconcussa lealdade. Velho soldado, tinha entrado em todas as campanhas do imperio, e por sua intrepidez subira, um a um, todos os postos militares.

Distinguira-se sobretudo na defeza da ilha do Lobau, no Danubio, onde, por trez dias, sem viveres e com poucos soldados, susteve o embate do inimigo, fazendo-lhe rosto até que o exercito francez o veiu libertar. Nas suas lides guerreiras foi sempre firme nas praticas religiosas, manifestando essa fé christã, que tam bem se allia com o valor dos heróes.

No banquete das Tuileries estava o marechal Soult, amigo intimo do general de Villeret, á direita de Luiz Philippe.

Era sexta-feira, mas apesar d'isso... o jantar era de carne!

Chegou a sopa ao general de Villeret, e o general não a tomou. Veiu o primeiro prato, o segundo, o terceiro, e o general abstinente como um monge. Como para disfarce, entretinha-se em mil attentões com a rainha, quando esta reparou que o general nada comia.

—Mas, general, reparaí que vos não tendes servido...

—Magestade, respondeu sorrindo, hoje é sexta-feira. Espero que venha peixe, e então cuidarei de mim.

A estas palavras, dignas d'um verdadeiro christão, foi grande a confusão da rainha. Soult, notando-a, accudiu a suavisal-a com gracejar ácerca do rigor abstinente de Villeret, «devéras espantoso para um soldado do imperio.»

—Espantoso! observou o general; todavia, tu conheces-me bem; sabes que em toda a minha vida me não servi de carne em dias prohibidos, excepto na ilha de Lobau, onde, á sexta-feira, por não ter mais nada, comi a cabeça do meu cavallo.

Sem recorrer ao exemplo dos Sanctos, que tanto nos deixaram que imitar, os que vergam sob o respeito humano acham assás de que se confundir, quando estudam o proceder de muitas pessoas do seculo. Vá outro impulso ás almas tibias, e seja uma muher quem nol-o dê:

A condessa Rostopchine era catholica. Após o fallecimento do marido retirou-se aos seus vastos dominios de Voronovo onde vivia no estudo, na oração e na pratica das boas obras. Vindo passar uns mezes em Moscow, todas as manhãs visitava a igreja dos catholicos.

Foi um dia avisada para não demonstrar tam ás claras as suas convicções, mas logo manifestou a pouca attenção que daria a semelhante aviso. O governador ameaçou-a de denuncia ao impe-

rador Nicoláo, mas a condessa replicou-lhe que ella mesma se incumbia da denuncia, e promptamente enviou a seguinte carta: «Senhor, o governador de Moscow ameaça-me de prevenir a V. M. de que vou todos os dias, ostensivamente, de carroagem, ao templo catholico. No meu proceder uso d'um direito que me dão o bom senso e a lei: continuarei pois como até'qui. V. M. pôde, se assim aprouver a V. M., prender-me como criminosa; pôde confiscar os meus bens e desterrar-me para a Siberia. Mas o que V. M. jamais pôde é impedir-me de obedecer á consciencia, forçar-me a deixar a minha fé, desviar-me do serviço do meu Deus.

«Senhor, rogo a V. M. reconsidere bem! Dentro de alguns annos findará a vida de V. M., será chamado a juizo, e se o supremo Senhor encontrar a V. M. fóra da sua Igreja e em guerra contra ella, condemnal-o á eternamente sem que valha a V. M. todo o poder de que actualmente dispõe.»

A religião catholica é fecunda em coragens d'esta especie: a condessa Rostopchine ficou para sempre livre nos seus actos, sem que alguém se lembrasse mais de a importunar.

Fique pois o respeito humano a amedrontar os tibios, mas os que são filhos de Deus e herdeiros do seu reino saibam elevar-se a cima d'essas miseráveis pequenezas da humanidade, e consciós da missão nobre que lhes foi imposta, caminhem de frente erguida ao termo d'ella, sem se prostarem miseravelmente de bruços como os cobardes soldados de Gedeão.

Em familia, na praça, no templo, na presença dos grandes, deante dos pequenos, em toda a parte, saibamos cumprir nossos deveres e não temer ninguém, para temermos sómente a Deus, que formalmente nos diz: *Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará d'elle, quando vier em sua gloria.* (1) E ao mundo, esse tyranno de todos os seculos, que a tantos impõe a dura contribuição do respeito humano, verdadeiro inimigo da alma, por quem Christo não orou, com tento admiravel procede todo aquelle que o manda, com desassombro,

Pastar longas campinas livremente.

M. S.

SECÇÃO RELIGIOSA

Pensamentos christãos

Nada te perturbe;
Nada te espante;

(1) Luc. IX, 26.

Tudo passa:

Só Deus não muda.

A paciencia tudo alcança.

Quem a Deus tem, nada lhe falta.

Só Deus basta.

(*Sancta Thereza de Jesus*).

SECÇÃO HISTORICA

Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

82.

CLXXX

P. Isaac José Berruyer

FALLAMOS no capitulo antecedente do P. João Pichon, que, apesar do seu livro justamente condemnado, e que elle mesmo reprovou, foi um distincto religioso da Companhia de Jesus. Quasi nas mesmas circumstancias está o P. Isaac José Berruyer, de que agora nos imos occupar.

Este jesuita, sem questão douto e pio, é notavel por muitos titulos, não obstante errar em alguns pontos. E' necessario, porem, vingar a sua memoria, bem como a sua benemerica sociedade, contra as accusações dos jansevistas e de todos os adversarios da Companhia.

Como o nosso fim n'esta Galeria é não só mostrar os homens notaveis que houve n'aquella Ordem, mas também defender a congregação contra os seus detractores, não podemos omittir o P. Berruyer que é um dos columniados e com elle toda a companhia.

Em todos os libellos que se teem escripto contra os jesuitas, pretende-se provar que o mesmo é ensinar e seguir um jesuita qualquer doutrina que reputal-a por sua todo o corpo da sociedade, para a sustentar com todo o empenho.

E' esta uma falsidade conhecida de todos os que sabem a historia da Ordem de Santo Ignacio.

N'um escripto que sahio em Lisboa, em 1772, no tempo do Marquez de Pombal, lê-se o seguinte:

«Uma vez que o P. Berruyer na sua *Historia do Povo de Deus* se declarou fautor e patrono do deismo (o que foi causa de se revoltar contra aquelle escriptor todo o mundo catholico com a sua cabeça Roma), todo o corpo da sociedade faz sua esta doutrina, e consequentemente é fautor e patrono do deismo.»

Todo o mundo protesta contra uma accusação tão absurda irrogada á Companhia de Jesus, que sempre pugnou com zelo pela defenza da fé catholica,

como teem confessado os mesmos impios e incredulos.

Mas vejamos o que ha com relação ao caso do P. Berruyer.

Nasceu na cidade de Rouen (França), sendo descendente d'uma familia nobre. Entrou muito joven na Ordem de Santo Ignacio, onde se distinguiu por seus talentos e pela exacta observancia das regras do instituto. Depois de professa muito tempo humanidades na terra da sua naturalidade, recolheu-se á casa professa de Pariz.

Alli viveu entregue ao estudo e á oração, como hom religioso, até á sua morte que succedeu a 18 de fevereiro de 1758, na idade de 77 annos. Tinha nascido em 1681.

O que immortalisou o jesuita Berruyer foi a sua obra *Historia do Povo de Deus*, tirada dos livros santos. Consta de 10 volumes.

Não pôde negar-se a belleza d'esta obra: está escripta com elegancia, com eloquencia, tem quadros brilhantes e reflexões muito judiciosas; ella revela no seu auctor muito espirito e aptidão.

Apesar de que a obra do P. Berruyer não é reprehensivel em todos os pontos, foi geralmente desapprovada por ser em forma de romance e por algumas interpretações contrarias á simplicidade dos livros santos. Ella foi condemnada pela Santa Sé.

Comtudo a Companhia de Jesus também a desaprovou, escrevendo até contra ella alguns eruditos jesuitas, entre outros o P. Tournemine e Bertbier. E o mesmo Berruyer se submetteu ao decreto de condemnação. Alem d'isso, declarou as suas boas intenções, desejando sempre estar unido á doutrina da Igreja.

Muitos homens doutos teem feito justiça ao jesuita Berruyer, reconhecendo os seus talentos e virtudes, apesar dos seus erros que ninguem sustenta. Varias edições e traducções se fizeram da sua obra com as necessarias rectificações. O Abbade Carlos Janson, conhecido por muitas obras de piedade e de erudição, de sã orthodoxia, também se encarregou d'este trabalho.

E' falso que o P. Berruyer fosse fautor do deismo, porque o seu coração nunca se apartou do sentimento religioso.

(Continúa)

P.º João Vieira Neves Castro da Cruz.

SECÇÃO CRITICA

Homens

(B) QUE quer dizer *Homens*?
A pergunta parece ser ociosa, mas não é.

Homens, tomando-os pelo conjuncto dos seres feitos á imagem de Deus, são a gente dos dous sexos, as unicas creaturas capazes de *salvação*.

Como estão os *Homens*? não responderão todos uniformemente, nem pôde haver justa *resposta* sem que seja feita justa *distincção*; façamos esta, como é de verdade o *facto*, entre *Homens bons e Homens não bons*, sem que apontemos os quilates, mas desde já exaremos a sentença: *Bonum ex integra causa, male ex quolibet defectu!*

Ou se é bom, ou se não é bom; o bom é a base do perfeito: *Si vis esse perfectus, vende quae habes, et da pauperibus*, são palavras de Deus; d'este Senhor que conhece nossa fragilidade e de nós só exige e não dispensa que cumpramos seus preceitos e aquelles que nos impõe pela sua Igreja, e depois digna-se ainda acceptar o que fazemos a mais; cumpridor da justiça todo o *homem* tem obrigação de ser, e os deveres de justiça são para com Deus, para conosco, para com nossos irmãos: amar a Deus sobre todas as cousas e ao proximo como a nós mesmos, pelo amor de Deus, pois que é esta condição que sanctifica o *amor* pelo proximo; eis ao que se encerra toda a *Lei!*

No mundo apresentam-se os *Homens justos* e os *Homens injustos*, e n'estes tempos parece ser bem maior o numero dos *injustos*; e se o não é, fazem estes tanta algazarra que o faz crer; apoderam-se os mesmos de tudo que no mundo faz bulha e constitue a vida mundana ou as temporalidades *humanas*, empurrando materialmente os *justos*, quanto lhes é possível, para a obscuridade. A Sociedade actual está nas mãos dos *injustos*, e tanto isto é assim que tal sociedade reina pela injustiça, como é proprio de uma sociedade *athéa*, e, por esta má condição, inimiga dos verdadeiros interesses religiosos e moraes, tendo feito uma *moral sua* ao gosto de Lucifer: a *moral* do suicidio, do homicidio, do adultério e do divorcio, do roubo *sem o nome* e com o nome; do desacato ao principio de auctoridade; das festanças *para buscar adormecer as consciencias*; da mentira que aliátôpa com o invencivel—*Mentita est iniquitas sibi*—; da *Maçonaria* que se dispensa de Deus, e só ama seus sequazes; do *Positivismo* e do *Epicurismo*; emfim a *moral humana* que se reduz a amar a carne por a carne.

Os *Homens justos* são de Deus, de si, do seu proximo; dão o sangue e a vida para não saltarem aos tres preceitos da Justiça, chegando até a dar sua vida para que outrem viva sem que com esta resolução heroica offendam *aquella classificação* estabelecida por Deus; mesmo n'estes tempos tem havido d'estes heróes, e algum d'elles tivemos o

bem de conhecer pessoalmente, v. gr. o Reverendo *Padre de Vilefort*; nos *tempos actuaes* temos *Homens justos* que por esta qualidade não pertencem ao mundo; e o que seria se os não houvesse!

A justiça e a injustiça qualificam os *Homens* nos dous maiores grupos da humanidade, distinctos, por isso que uns procedem bem e outros procedem mal, em face da Justiça Eterna!

Os *Homens modernissimos* tem feito tudo que lhes tem sido possível para rebaixar as condições da humanidade já enfraquecida pelo peccado; um *sópro infernal* tem posto uma parte dos *Homens* nas condições da mais aggravada *degeneração*, por isso que elles se tem prestado a absorpção das *doutrinas perniciosissimas*, por aberração ou falta de educação; faltando esta, ou tendo-se recebido má *educação*, vem as consequências gravissimamente deploraveis. Os *homens* são como lhes foi feita sua educação, o diz o *aphorismo*: *Omnes quanti, quanti sumus, educationae debemus!*

Nunca se faliu tanto de educação como n'estes tempos e nunca houve meios que agora. Todas as nações tem os seus *homens*; d'estes *uns*, na verdade, o foram; outros são *assim chamados*; ha poreim uma nação que abrange todas as nações, e é Ella o Catholicismo, no qual estiveram sempre, estão e estarão, os maiores homens nas virtudes, nas sciencias e nas artes.

As mulheres são o sexo piedoso por *excellencia*, como é reputado pela Igreja de Deus; menos *mulheres* passarão pelo purgatorio, irão logo para o céu ou para o inferno, pois que são *muito boas* ou *muito más* no seu geral; é o mesmo conceito, que dos francizes fazia Sua Santidade Gregorio XVI, de gloriosa memoria, dizendo, que o purgatorio não era para os francezes, que fallecidos iam logo *ad célos aut ad inferos*.

Os *homens* todos nascem e todos morrem; entre elles ha só uma condição differente nas suas condições *personaes*: uns finam-se n'este mundo em paz com Deus, e outros reprovados por Deus: «Muitos são os chamados, poucos poreim os escolhidos!» Os não escolhidos queixam-se *de si*, pois que o Deus-Homem morreu por todos!!!

Dom Antonio de Almeida.

SECÇÃO BIBLIOGRAPHICA

«Relatorio do Apostolado da Oração e Liza do Coração de Jesus em Portugal, no anno de 1890-1891 com approvação de S. Ex.^{ma} Rev.^{ma} o Sr. Arcebispo Primaz.»

O movimento religioso em Portugal e nas Colonias pode verificar-se pelo desinvolvimento d'esta celestial Associação, destinada a unir em um só os corações de todos os catholicos. Eis a ultima pagina synoptica d'uma arithmetica sobremodo consoladora:

	1890-1891
Círculos diocesanos e Directores	71
Centros e Directores locais	1:151
Associados	929:624
Zeladores e Zeladoras	25:769
Quiozenas do Rosario	21:648
Secções da communhão reparadora	3:974
Missas da 1. ^a sexta-feira	12:069
Festas e novenas do Sagrado Coração de Jesus	2:975
Reuniões de Zeladores e Zeladoras	5:743
Fallecidos (associados)	8:910
Communhões de devoção	2:291:531
Assignaturas do Mensageiro do Coração de Jesus	1:485
Mezes de Jesus e de Maria	1:166
Conversões e confissões de annos	64
Baptismos de adultos	21
Casamentos de consciencia	168
Thesouro de boas obras offerecidas ao S. Coração de Jesus	3:678:352

A cerca do Apostolado em Guimarães temos a pag. 28:

Deixemos falar o dignissimo Director local: «São tantos e tão admiraveis os progressos, tantos e tão extraordinarios os fructos, tantos e tão maravilhosos os resultados, que este florescentissimo Centro tem feito, colhido e experimentado, que difficil, senão impossivel, seria aqui descrevel-os e enumeral-os.

Na qualidade, porém, de director, embora indignissimo, do Apostolado n'esta cidade, corre-me a obrigação de dizer alguma cousa, ainda que pouco, do muito que tinha felizmente para dizer. Restringir-me-hei, portanto, ao principal e mais notavel para não tomar largo espaço.

Graças, mil graças a Nosso Senhor, que tanto nos tem favorecido, e depois a todos os Exc.^{mos} Zeladores e Zeladoras, que com mil trabalhos e sacrificios nos tem coadjuvado no empenho santo de elevar ao maior grau de prosperidade esta sancta Obra.

Tem-se continuado sem interrupção a fazer na 1.^a sexta feira de cada mez os piedosos exercicios do Apostolado, celebrando-se no altar do S. C. de J. a santa Missa pelos associados vivos e defunctos, distribuindo-se antes e depois d'ella a Sagrada Communhão a um grande numero de associados e associadas, concluindo-se com a recitação da Coroinha. A's nove horas exposição do

SS. Pelas 3 horas da tarde acto de consagração, alguns canticos piedosos, pratica, ladainha e benção.—A todos estes actos, quer de manhã quer de tarde, assiste numerosissimo concurso de povo, na maxima parte associados.

Foram pomposos e piedosissimos os exercicios feitos em todo o mez de Junho, mez como é sabido especialmente consagrado ao SS. C. de Jesus, sendo notavel a multidão de fleis que concorriam a elles, mas muito mais notavel ainda o respeito, silencio e devoção com que diariamente assistiam.

Para concluir dignamente e fechar com chave d'oiro tão sympathico mez, resolveu-se uma communhão geral, precedida de triduo solemne com suas praticas que afervorassem ainda mais este bom povo Vimaranense, tam devotado ao Coração Divino. O espaçoso templo de S. Domingos era um primor pela riqueza das alfaias que o adornavam, profusão das luzes que o illuminavam, variedade de flores, arbustos e grinaldas que guarneciam altares e paredes, cornijas e pilastras. Sobre um magnifico throno, que se erguia do lado do Evangelho ao fundo da nave lateral, estava a formosissima Imagem do SS. Coração de Jesus, toda circuitada de festões de flores artisticamente combinadas, e allumiada por centenas de luzes. Ahi uma das novas Zeladoras leu o acto de Consagração e se procedeu á cerimonia edificante da imposição das fitas e entrega do diploma aos novos Zeladores e Zeladoras. Cantou-se a missa a vozes e órgão: e calcula-se que commungariam para cima de 1:500 pessoas!

De tarde houve sermão e *Te-Deum* com o SS. exposto, ladainha e encerração, concluindo-se com a benção e alguns canticos. A concorrência era enorme, o aperto tamanho que não foi possível a muita gente ter ingresso no vasto templo de S. Domingos. Esta, pode-se dizer, foi a maior das festas que aqui se teem feito em honra do Divino Coração.

Algumas zeladoras offereceram ramos de flores contrafeitas, de subido valor, e muitas toalhas de fino linho e delicados bordados para o altar.—Distribuíram-se como nos annos transactos os Bilhetinhos de Desaggravo nos trez ultimos dias de Carnaval, e, louvado Deus, cresceu e não diminuiu o numero de pessoas que os procuraram e se encarregaram da sua distribuição, fazendo uma sancta propaganda. Attingiu este anno o numero de 43:224 bilhetes e 139:672 horas!!

Antes de concluir apresentarei o grande thesouro de boas obras que só aqui n'este centro se teem feito, para dar uma idéa do fervor e piedade que anima os corações dos nossos Zeladores e Zeladoras.

Eis a rezenha numerica das boas obras:

Missas.....	19:245
Communhões espirituas....	15:489
Esmolas e outros actos de caridade.....	19:725
Visitas ao SS. e a Nossa Senhora	80:874
Terços, coroas e rosarios ...	93:990
Vias Sacras.....	397
Dias de retiro espiritual	22
Exercicios de retiro espiritual	12
Estações ao Sanctissimo.....	17:531
Actos de mortificação e diversas penitencias.....	10:922
Novenas	7:625
Terços do SS. Coração de Jesus.....	10:445
Oração mental.....	29:978
Jaculatorias.....	28:114
Officios da SS. Virgem.....	8:247
» de defunctos.....	365
Jejuns (fora de preceito)....	186
» a pão e agua.....	7
Actos de Fé, Esperança e Caridade	20:282
Psalmos e Hymnos.....	10:292
Total.....	373:758

O director local,

Padre Francisco Antonio Peixoto de Lima

Este crescimento em Portugal, parcella diminuta do que se observa no mundo inteiro, produzido pelos operarios de Deus á voz do Sagrado Coração, que anhela ser conhecido de todas as creaturas, lembra-nos o advento proximo do reinado social de Jesus Christo para que todos devemos concorrer. «Eis a hora: levantai-vos e vamos!» Esta voz parece de novo repercutir-se nos angulos da terra, incitando os fleis a associarem-se ao Sagrado Coração de Jesus.

Aos parochos sobretudo compete o desempenho d'esta missao providencial, certos que no momento em que todas as parochias se ajoelharem em consagração solemne deante da imagem d' Aquelle que, no dizer de Isaias, se offereceu voluntariamente em sacrificio para salvação de nossas almas, soará a hora da regeneração da patria e da extirpação de tantos erros que a fazem ainda tam abominavel.

«*Os Mysteries da Franc-Maçonaria*».—Temos presente o fasciculo n.º 11, que o seu editor snr. Antonio Dourado acaba de distribuir, d'esta obra interessantissima, que está sendo vertida para portuguez pelo snr. dr. Antonio Corrêa de Menezes.

A competencia do traductor, que se revella uma penna segura e habil; a novidade e alta importancia do assumpto, e ainda a excellencia e perfeição da parte material e artistica da obra, tudo a recommenda.

Para os que não conhecem os fins e processos da nefanda sociedade secreta, que jurou guerra á sociedade christã, o incentivo é ainda maior, pois o auctor trata o assumpto magistralmente, porque conhece de *visu* os mysterios da maçonaria, á qual pertenceu ainda não ha muitos annos.

SECÇÃO ILLUSTRADA

Avinhão

(Vid. p. 187)

FUNDADA na margem direita do Rhodano, no departamento de Vaucluse, conta cerca de 40:000 habitantes. No centro d'uma campina ferul e risonha, offerece interiormente o aspecto d'uma antiga praça forte da Provença, ao passo que simultaneamente nos recorda uma das quentes cidades italianas. Foi por muito tempo considerada insalubre: é no emtanto certo que os fortes calores e o vento sudoeste, a que os provençaes dão o nome de *mistral*, a toruam bem pouco agradável.

A sua historia e os seus velhos monumentos distinguem-na entre as mais notaveis cidades francezas.

Séde do arcebispado, com os suffraganeos de Valence, Viviers, Nimes e Montpellier, tem magnificos seminarios, grande e pequeno, quatro parochias intra-muros e tres extra-muros, tribunal civil e commercial, lyceu, escola normal, instituto secundario livre, collegios, escola pratica de agricultura, museus d'arte, antiguidades e historia natural, bibliotheca de 95:000 volumes e 2:500 manuscriptos, jardim botanico, academia, sociedades de agricultura e horticultura, sede da 6.ª subdivisão militar do 15.º corpo do exercito, asylo de alienados, etc. etc.

Os artefactos de sedas e tinturarias constituem a base do maior desinvolvimento de Avinhão, produzindo annualmente um movimento commercial de 20 a 25 milhões de francos: os seus tafetãs acham acceitação em toda a Europa e grande parte da America.

Cidade sobremodo interessante, conserva-nos, no palacio papal e seus bauartes do seculo XIV, uma das obras mais completas e melhor conservadas da edade media.

Este monumento architectonico é mais uma construcção feudal que uma habitação ecclesiastica. Começado por João XXII, foi demolido por Bento XII para ser de novo levantado em mais vastas proporções, e continuado por Clemente VI, Innocencio VI e Urbano V, tendo por architectos principaes Pedro Poisson e

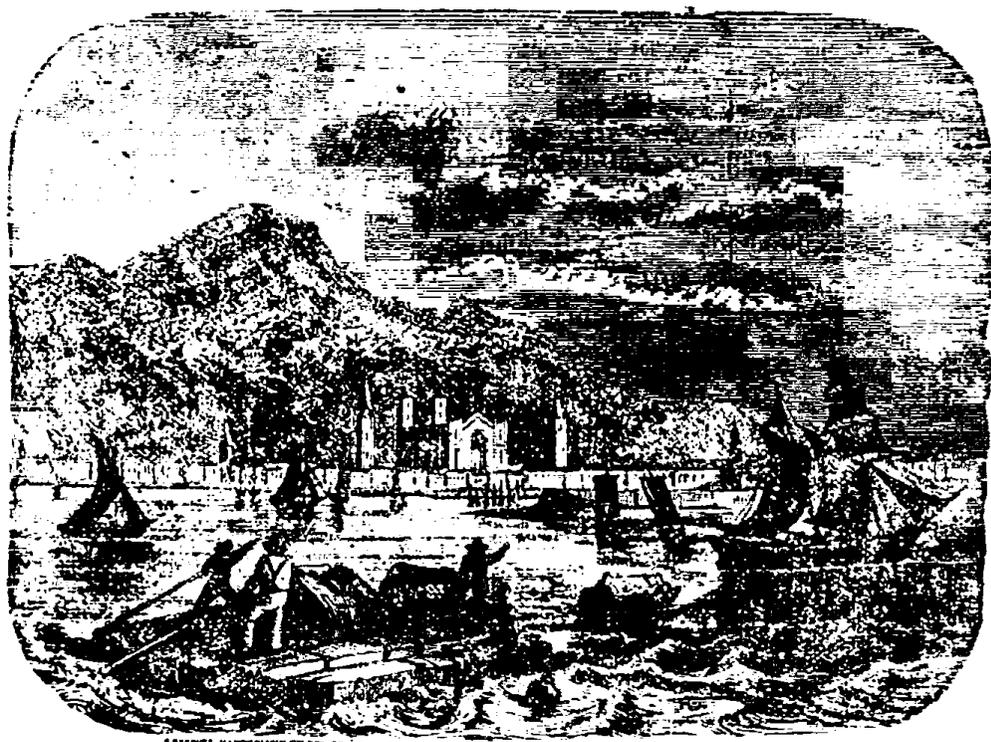
o italiano Obreri. Esta habitação pontifical é ladeada por sete torres quadradas, verdadeiros castellos, e as cortinas das muralhas vêem-se eriçadas de ameias. As vastas salas, edificadas sobre immensos subterraneos, ostentam ainda solidas abobadas, com nervuras que desafiam os seculos; no grande salão dos concilios e nas duas capellas principaes ha ainda vestigios importantes de pinturas antigas.

inutilizada por desabamentos successivos, como se vê da gravura.

A cathedral é um perfeito modelo de estylo romano, notando-se, além d'esta, muitas egrejas goticas, algumas conservadas para o culto divino, outras convertidas a usos profanos, depois que em França, como em Portugal, o genio destruidor da impiedade perpassou sobre o campo de Deus.

A varios templos enriquecem nos pin-

Antes da Revolução, a notavel cidade da Provença era capital do *comtat Venaissin*. No paiz dos Cavares, de que fazia parte na epocha gauleza, nem sequer tinha o nome de cidade. O seu bispado não vai além do seculo III, sendo S. Rufo, consoante a tradição, o seu primeiro antistite. No seculo V e VI tornou-se uma das mais fortes praças dos Burgondes. Em vão Clovis ahí sitiou



MONTREAL

Os muros, inteiramente firmes, não conhecem outra deterioração que a praticada sobre o rio para dar vasante ás impurezas da cidade; são pouco elevados, mas notavelmente espessos, franqueados de torres quadradas, servindo por muita vez de poderoso dique, oposto ás inundações do Rhodano.

Além d'estas duas curiosidades de importancia excepcional, Avinhão é conhecido dos archeologos e do povo pela sua famosa ponte, construida no seculo XII, sob a direcção d'um pastor ignorante, mas inspirado, S. Benezet, e hoje

turas antigas e muitos objectos d'arte, graças á munificencia dos Pontífices e seus legados.

A torre de menagem, do seculo XIV, o velho paço dos arcebispos, da mesma epocha, o hospital, construido segundo o risco de Mignard, a antiga casa da moeda, sob o plano de Miguel Angelo, e numerosas casas da *renascença*, augmentam o numero das obras importantes que demandam o exame do transeunte. O museu, fundado em 1810 por Calvet, de quem toma o nome, possui algumas boas telas de Pedro Mignard.

Gondicario, e Gontran ao patricio Mummal, então logar-tenente do rei da Austrasia. Senhorearam-na porém os arabes para mais tarde se renderem a Carlos Martel, que a conquistou em 737.

A municipalidade, instituição do seculo XII, teve uma vigencia regular, sem graves perturbações de seus dominadores que, successivamente, foram os condes de Toulouse, os principes de Naples e os Papas.

Desde 1309 até 1376 foi habitação dos soberanos Pontífices, tempo a que deram a designação de *setenta annos*

de *captivo*, occupando por todo elle a cadeira de S. Pedro o infeliz Clemente V, João XII, Bento XII, Clemente VI, que se tornou possuidor real de Avinhão, Innocencio VI, Urbano V e o piedoso Gregorio XI, que animado pela Mãe de Deus, segundo as revelações de Sancta Brigida e Sancta Catharina de Sena, n'uma terça-feira, 13 de setembro de 1376, saiu do palacio com os cardeaes, deixando Avinhão para sempre, embora o desagrado dos cardeaes francezes e da côrte de França.

Depois que os Papas regressaram a Roma, ficou Avinhão residencia dos vice-legados pontificios, governadores do *comtat*, e a cidade, politicamente, teve destino igual ao da restante provincia. Luiz XIV occupou-a varias vezes, e Luiz XV em 1768.

Reunida à França em 1791, soffreu sevicias terriveis, mais tarde repetidas em 1815, em que houve uma victima illustre, o marechal Brune, que demasiado rigoroso durante os *cem dias* com os povos miridionaes, passando disfarçado por Avinhão, foi reconhecido, morto pelo povo enfurecido, e lançado ao Rhodano.

Avinhão é patria de Castil-Blaze, Pontmartin, Aubanel, do distincto antiquario Calvet, do cavalleiro Falard, do pintor Claudio Vernet e do celebre republicano Viala.

Messina

(Vid. p. 193)

Em frente d'esse canal famoso entre a Calabria e a Sicilia, de travessia difficil pelos ventos contrarios que alli se debatem, ladeado de *Scylla e Chaorybdes*—o pavor dos antigos, coberto hoje pelo castello de Scylla, pelas baterias do Monte-Cavallo, de Alta Fumari, del Calmone, del Pazzo, de San Giovanni, dos fortes do Monte Spuria, San Salvatore, don Blasco, e as baterias do Faro, del Canalone e della Grotta, assenta essa formosa perola do Mediterraneo, chamada Messina, de que a gravura nos offerece um gracioso perfil.

Decaída de seu antigo esplendor é ainda uma cidade importante, com 78:500 habitantes, porto de grande movimento, onde as náus de todo o mundo affluem, chamadas pelo commercio das mousselinhas, estofos de seda e algodão, couros, fructos, essencias, azeite, vinhos, enxofre, soda e muitos outros generos.

Tem uma universidade, com as faculdades de direito e medicina, sciencias e letras, uma bibliotheca, notavel por manuscritos e codices antigos, e um museu onde se acham enthesouradas muitas raridades. A cathedral, do

seculo XI, tem soffrido repetidos prejuizos por incendios e terremotos.

Com o nome de *Zancla* foi Messina fundada pelos piratas de Cumas, e successivamente se viu governada pelos siculos, chalcidios, samios, missenios, carthaginezes, romanos, sarracenos, normandos, passando ainda ao dominio da casa d'Anjou, ao da Hespanha e ao de Napoles, e por fim ao da Italia em 1861.

O rei Rogerio II, recompensando a fidelidade dos missenios, concedeu-lhes, por um diploma de 15 de maio de 1129, honrosos privilegios: «seriam julgados por magistrados da sua eleição, salvo nos crimes contra o Estado; o rei, nas relações com os missenios, tinha que sujeitar-se ás leis, e promulgando um decreto que lhes fosse contrario, vel-o ia ficar sem effeito; tinham moeda propria, os seus deputados occupavam os primeiros logares no conselho do rei. só os naturaes de porte digno desempenhavam as funcções publicas, havia um consulado para deliberar acerca de negocios maritimos, os habitantes eram exceptuados de pagar impostos alfandegarios, podiam para os seus navios cortar madeiras nas matas do rei, era-lhes voluntario o serviço militar, e nas assembleas do rei não se deliberava sobre interesses da cidade na ausencia de seus representantes.

Não pouco teve Messina que soffrer nas guerras entre Carlos d'Anjou e Pedro de Aragão e as sanguinolentas *vesperas sicilianas*, inauguradas em Palermo na segunda-feira de Paschoa de 1282, vieram ainda repercutir-se nas ruas de Messina.

Sob o jugo hespanhol gemeu demasiado o povo misseno, e em 1674 esteve quasi a ser theatro d'umas novas *vesperas*. A França mandou-lhe Duquesne, mas dando-lhe mais tarde ordem de retirar, os missenos viram-se n'uma durissima provação: com a esquadra franceza expatriaram-se dentro de quatro horas mais de sete mil habitantes, que não puderam resignar se ás oppresões de seus inimigos, hespanhoes e hollandezes. Epocha tam procellosa jamais vira a malfadada Messina, lastimando agora tantos de seus filhos que baixaram á miseria; que soffreram a prisão e o degredo; que de cidadãos uteis se transformaram em bandidos feroces; que olvidados de pertencerem á *cidade da Virgem*, como se chamava Messina, trocaram a lei evangelica pelo fatalismo torpe do Alcorão!

Incluida mais tarde no reino de Napoles, passou em 1861, pelas tramas da carbonaria italiana, a ser uma provincia da Italia *una*, como ainda hoje se conserva.

Em suas paginas tristes conta, ainda, a peste de 1743 que victimou 40:000

habitantes, o terremoto de 1783 que lhe causou grandes estragos, o o bombardeamento de 1848 que lançou pavor enorme em todos os seus habitantes.

Foi patria do philosopho Dicearco, de Ephemero e do celebre Antonio de Messina, conhecido pelo nome de *Antonello*, o primeiro que em Italia pintou a oleo, auctor d'uma formosa *Crucifixão* no museu de Anvers, do *Salvador sustido pelos Anjos*, que se admira na galeria do Belvedere, e d'om S. Jeronymo, da colleção Baring, de Londres.

Montreal

(Vid. p. 199)

A gravura apresenta um dos mais importantes emporios commerciaes do baixo Canadá (America do Norte). Montreal, fundada em 1642 por Paulo de Chaumedy, ainda hoje conta cerca de 80:000 francezes, que formam a mais numerosa colonia da cidade. Em 1760 foi tomada pelo general inglez Amherst, em 1775 conquistaram-na as tropas dos Estados Unidos, para mais tarde voltar ao dominio da Inglaterra, que sobre ella exerce aquella diminuta preponderancia que lhe reconhece todo o Canadá. Como se sabe, muito se tem desinvolido o catholicismo n'estas paragens abençoadas, que estão sendo ha muito uma das mais fertes glebas da religião verdadeira.

Montreal, sobre 140:755 habitantes, sua actual população, conta 103:579 catholicos! e esta consoladora proporção encontra-se em muitas povoações notaveis do Canadá e Estados Unidos. A cathedral, de estylo gothico, marmore vermelho, com amplitude para dez mil pessoas, é o mais imponente monumento da cidade. Seguem-se-lhe depois as egrejas de S. Patricio, a de Sancta Maria, o seminario de S. Sulpicio, a alfandega, a bolsa, o hospital.

Possue universidades, franceza e ingleza, lycéu, collegios, hospicios, asylo de surdos-mudos, caes magestosos, praças amplas e suberbas. No cruzamento das linhas de Quebec, Lachine, Longueil, Portland e New-York, porto famoso n'uma ilha do grande rio S. Lourenço, Montreal, n'esta pujança após dois seculos de existencia, vê deante de si desdobrar-se ainda um futuro de inavaliavel progresso, tanto mais solido, quanto n'aquelle povo mais se radicam os vitaes principios do Evangelho.

Entre seus homens notaveis, contam-se José e Luiz Papineau e o grande arcebispo Plessis, verdadeiro apostolo d'aquelle paiz.

Montreal commemora hoje funebremente a grande catastrophe na ponte do S. Lourenço, onde, ha poucos an-

nos, se abysmou no rio um grande comboio de apaixonados do carnaval, que, n'um domingo, se dirigiam loucamente à grande cidade, para alli se distrahirerem n'essas infames saturnaes do paganism. Pobres almas!

Foi n'um domingo; e por muita vez o *Pelerin* tem notado a coincidência de em tal dia se darem as grandes catastrophes nas vias ferreas, como aviso para que ao Senhor se consagre o seu dia, hoje tam esquecido e desrespeitado por iniquidades de toda a sorte.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

SECÇÃO NECROLOGICA



Nas fleiras do campo catholico ha- queou um dos mais intrepidos atletas.

O dr. Padre João Rodrigues d'Oliveira Grainha, já não é d'este mundo.

Com a morte de justo coroou-lhe Deus uma vida cheia de acções nobres, inspiradas pela mais estremada caridade christã.

Membro d'uma congregação religiosa, mas expulso d'ella pelo torpissimo decreto de 28 de maio de 34, após sua formatura na Universidade, o Padre João Grainha transformou-se em apóstolo da sua patria infeliz, e com a destemida coragem de Thiago ou Paulo oppoz um dique fortissimo a vaga demolidora que tudo ameaçava derruir. Prógando, escrevendo, operando, sentia no peito crescer-lhe a energia à medida que em tórno d'elle se erguiam oppressões.

Conhecedor practico do que valem Ordens Religiosas, o doutor Grainha a todas, sem distincção, dava impulso vigoroso, e muitas almas de selecção acharam franca a porta d'essas moradas da virtude por valimento d'este benemerito Padre. Encheram-no de consolações os muitos parentes seus, d'um e outro sexo, que via, estimulados de sua virtude, procurarem a vida mais perfeita.

Houve um que desertou! Conhecem-lhe o nome os leitores do *Progresso Catholico*!

Foi um espinho profundamente cravado n'aquelle grande coração: o a quem Deus galardou com a dupla coroa de confessor e martyr. Hoje, no céo, implora o regresso do prodigo e não ha de ficar perdido o seu rogo.

Em S. Pedro de Roriz (Singeverga) após longa enfermidade, e já adeantada em annos, passou a melhor vida uma irmã do Ex.^{mo} Manuel Dias de Gouvêa Azevedo. Assistiram-lhe nos ultimos momentos os benemeritos Padres da Ordem de S. Bento, ha pouco estabelecida n'aquelle freguezia, até agora uma das mais abandonadas de recursos espirituales. Cedo começa pois o illustre fundador a colher os fructos da arvore de vida que alli soube plantar.

O nosso digno assignante, Padre Luiz A. Lucas de Carvalho, chora a maior perda que se pode soffrer na terra, a perda d'uma mãe. Falleceu-lhe em Mantegias a 30 de julho ultimo. «Desejo ansiosamente, escreve-nos elle, que sua alma se torne participe das orações dos muitos assignantes do «Progresso Catholico», já que a direcção de tam digno jornal proporciona este valioso ensejo aos seus assignantes. Honra-lhe seja por isto e por todos os beneficios que, mediante sua publicação, está fazendo à religião e aos verdadeiros interesses do nosso desditoso paiz.

«Não obstante a profunda dor que me causou o fallecimento de minha saudosa Mãe, resta-me a esperança de que, se ainda não está possuindo a bem-aventurança, em breve o Senhor lh'a concederá em premio de suas virtudes, especialmente de sua grande devoção para com a Sanctissima Virgem, querendo a Senhora já compensal-a d'este mundo, concedendo-lhe em vida o que tanto desejava e pedia—morrer em um sabbado—como de facto aconteceu».

Crentes devéras, concedamos a estas almas o auxilio de nossas orações, tam vantajoso para nós, tam consolador para ellas, tam do agrado de Jesus Christo que aneia vel-as sem dilacção na posse plena de seu amor.

D. P.

SECÇÃO LITTERARIA

Sub tuum praesidium

Minha Mãe, Virgem Maria!
Não vos deixarei jamais!
No altar a que me chamais
Fazer-vos-ei companhia:
Hei de elevar-vos a prece,
Buscar-vos o olhar que aquece,
Gozal-o em paz e alegria.

Sancta Mãe, Virgem Maria!
Não vos deixarei jamais!
Satan em laços fataes
Anda a ver se me alicia,

Mas vós, em minha defeza,
Concedereis fortaleza
Com que o dome noite e dia.

Virgem Mãe, doce Maria!
Vosso é sempre o meu affecto;
D'este seio o mais secreto
Vos pertence, e hei ufania
De agradar-vos quanto eu possol
Meu affecto é sempre vosso,
O' minha Mãe, ó Maria!

Minha Mãe, minha alegria...
Virgem, pura, tutelar!
Boa, sempre te hei de amar,
E em chegando o extremo dia,
Na bocca teu nome bello
Depôr-me-ás, como um séllo,
De amor em prova, ó Maria.

Pede-se uma AVE MARIA por uma necessidade.

RETROSPECTO

Noticias

D. Carlos de Bourbon.—Segundo affirmo o *Correo Español*, o chefe legitimista da nação viuha sujeita inteiramente a sua politica à direcção do Soberano Pontifice.

Este facto é altamente significativo e d'un alcance extraordinario. Tem sido de tréva o seculo XIX, apesar de se lhe dar o nome de *seculo das luzes*; mas quem enumera as iniquidades que n'elle se tem feito, não duvida que se tem operado de noite. Vir-nos-á a luz com o despontar do seculo XX? Deus a en-vie!

«O conde de Pariz, continua a citada folha, tomando rumo differente, fechou os ouvidos às palavras do Pontifice. «E' certo que tem direito de obrar como intende, sem que por isso incorra em alguma excummunião.

«Realmente o Papa não deu nenhuma ordem absoluta, nem o terreno é d'aquelles em que se exerce a infallibilidade de seu ministerio sublime; com-ludo é antipatriotico o proceder dos orleanistas, opposto à boa politica e claramente inopportuna. O conde de Pariz, prescrevendo-a aos seus partidarios, foi victima, evidentemente, d'uma cegueira funesta, sem todavia infringir nenhum preceito religioso. Muito mais digno de inveja é pois o destino de D. Carlos que, em assumptos de livre alvedrio, e não só em materias de dogma, apresenta perante a Sancta Sé o preito de sua obediencia filial.

Estando com o conde de Pariz muita gente fundamente catholica, não ha que estranbar seja por ella abandonado definitivamente.

A Sancta Sé vai toinando uma attitudede que deve levar outra vez a Europa a um periodo de ordem, como a levou após o esphacelamento do imperio romano e após dos barbaros.

Dr. Pinto Coelho.—Recebemos um jornal, numero unico, com o retrato do notavel orador, honra do fóro portu-guez, honra da sua patria, honra da Egreja. Homens da estatura de Pinto Coelho rareiam nos tempos d'hoje, por isso, quando os vemos, retrogradamus na historia para nos cremos na epocha dos heróes. Conversavamos um dia com este homem notavel, e feridos da viva impressão que nos causava o seu saber, e sobre tudo as suas virtudes, lembrando-nos a influencia d'uma mãe na alma d'um filho, inquirimos se por uma boa mãe o coração lhe fóra formado e a intelligencia rasgada ás idéas nobres.

—Não, disse-nos elle maguado; cedo me faltou esse amparo que se não substitue.

A estas palavras veiu-nos á mente quanto do céu o protegeria aquella que o deixara em orphandade.

O partido legitimista conta-o nas suas fileiras: ora quando um partido possui homens d'estes, esse partido tem grandes razões para se julgar em posse da verdade.

Lourdes.—Como se sabe, o Sancto Padre Leão XIII concedeu este anno um jubileu extraordinario ao Sanctuario de Lourdes, e estimulados pelas graças concedidas pelo Vigario de Jesus Christo, alluviões de peregrinos correram a Lourdes, entre 15 e 25 d'agosto, a presenciar as maravilhas da grande peregrinação nacional. Além dos comboios ordinarios, que atravessam n'esta epocha deante da gruta em grande quantidade, foram especialmente tractados para esta excepcional manifestação uns dezesete comboios que transportaram a Lourdes cerca de mil enfermos e talvez dez mil fieis.

Foi a oração a exhibir-se, a oração a affirmar, atravez da França inteira, por entre as filas dos infelizes que não teem fé, que baldados são os esforços postos em apagar do coração do povo francez, do povo christão, os sentimentos de verdade lançados ahí pela misericordia do Salvador.

O 2 de outubro de 91 em Roma e o 20 de agosto de 92 em Lourdes, na cidade eterna e na cidade da Virgem, hão de certificar, por longos seculos adeante, que a França é uma nação christã, uma nação que se prostra deante de Maria, que acóra o Homem Deus, incarnado, insultado, crucificado para trazer ao mundo a luz que nos guia ao céo. Aquelles milhares de peregrinos,

de todas as classes, entre os quaes havia representantes dos palacios e dos albergues, das fabricas e das lojas commerciaes, dos claustros e das academias, das cidades e das aldeias, empunhando o Rosario, que se recitava em côro no percurso da viagem, de Pariz, de Lille, de Lyon, de Montpellier, de toda a parte até ás margens do Gave, lançaram a confusão n'estas almas superficiaes que passam a vida terrena como se além do tumulto nada nos aguardasse, impellido no emtanto muitas d'ellas a pensarem que uma idéa que enthusiasma tantos corações e occupa tantos espiritos, é uma idéa que não morre, uma idea derivada d'outra parte que não do cerebro dos homens.

Emilio Zola, o romancista das gravioencias, o observador das podridões, que fez passar nos prósos o que um cerebro pode dar de mais infecto, foi tambem a Lourdes na peregrinação nacional de 92, Zola, dominado de seu realismo torpe, viu-se subjugado pelas impressões sobrenaturaes de Lourdes: quizera apenas examinar serenamente, mas sentiu-se abalado por umas fascinações que jamais contemplara na terra. A magica procissão *aux flambeaux*, o echo dos hymnos entoados pelos quarenta milhares de fieis o repercutirem se na quebrada das montanhas, a simplicidade da gruta, com as piscinas ao lado onde os enfermos entravam e saíam nos braços dos caridosos hospitalarios entre a prece ininterrupta dos assistentes, a magestade do Sanctuario edificado pelo amor de tantos corações, tudo era novo, era extraordinariamente grandioso para o celebre romancista, que voltando á sua faina de semear o realismo, dal-o-á mais apurado e nobre que até ao presente.

A peregrinação nacional foi como nos annos anteriores fecundissima em milagres, dos quaes daremos succinta narração em os n.º seguintes.

O cholera.—Esse terrivel ministro da morte tem feito muitos milhares de victimas em toda a Russia. Tênde porém a diminuir n'aquella região. Hamburgo, Hanover e Anvers é que ao presente se võem agredidas. A Inglaterra, n'um susto horrivel, redobra de precauções. As noticias da Persia são pavorosas; toda a provincia de Irak verga ao peso do impiedoso flagello; em Teheran são aos centenaes os falcimentos quotidianos; os negocios paralyzaram, a alegria desapareceu, os socorros escasséam, o desalento domina todos os espiritos, a palavra MORTE... MORTE faz arquear os peitos e amargurar os labios.

Que pavor na humanidade em presença do 1.º novissimo—a mortel!

Que favor em face do 2.º—o juizol!

Oh! Livre-nos a misericordia divina do terceiro ou conceda-nos benigna a posse do paraizo.

Como está a Italia.—O barão Spitali e quatro de seus familiares, achando-se em Paterno, Sicilia, foram inesperadamente agredidos por salteadores a cavallo, que os conduziram solidamente presos, ao palacio da sogra do barão. Esta, em resgate, offereceulhes dez contos de reis, mas os malfeitores reclamaram uma quantia muito mais elevada e como lh'a recusassem, prenderam a velha senhora, arrastaram-na pelos cabelos atravez dos varios aposentos do palacio, remecheram todos os moveis até ás oito horas da tarde, acabando por descobrir uns vinte contos, com os quaes se retiraram, deixando os prisioneiros em liberdade e beijando ao sair a mão do barão, em signal de agradecimento.

Noticias de Timor.—O nosso illustrado assignante Padre Manuel Maria Alves da Silva, communica-nos o seguinte:

«Já ha bastante tempo que nao tenho podido escrever lhe, se bem que o tenho assás dezejado.

«Quizera noticiar-lhe uma visita que fiz ao presidio de Batugade que confina a oeste como a Missão de Atapupo, sujeita aos hollandezes.

Possuem alli uns 300 ou 400 christãos na praia, onde toca o vapor da mala hollandeza todos os mezes uma ou duas vezes. Nas montanhas de Fiatáran tõem tambem um Missionario jesuita, com um irmão leigo, que se occupa actualmente na construcção d'uma casa de madeira para internato d'indigenas e d'uma pequena igreja, no mesmo systema.

O superior d'esta Missão reside em Atapupo, que é uma pequena villa composta de negociantes chinezes, que exportam o sandalo por este porto, e de dois ou trez arabes que negociam em pannos.

O resto dos habitantes são indigenas pescadores e cartegadores dos chinas.

Coisa de duas milhas de distancia de Atapupo está o reino de Joanillo, cujo chefe é um coronel honorario, com sua esposa, os quaes professam o christianismo com os seus principaes e a maior parte do povo.

Foi-me immensamente agradável observar o zelo e a solicitude verdadeiramente apostolicas do Rev. Padre Jansen, jesuita, para com o seu rebanho. A lingua que alli se fala é quasi a mesma que a da nossa cidade de Dilli.

E' o tétum, um pouco modificado e alterado pela introdução de varios vocabulos da lingua arabe, e sobre tudo do malaio, lingua que se fala geral-

mente em todo o grande archipelago das Molucas.

Possuem os Padres jesuitas d'Atapupo uma pequena escola de alumnos indigenas, formando um internato de 40 creanças do sexo masculino, que cantam missas, ladainhas, e diferentes peças da musica sacra, na egreja da sua missão. O irmão leigo de Atapupo, que acompanha o nosso amigo padre Jansen, é um bom baritono e sabe perfeitamente a arte da musica que ensina aquellas creanças quotidianamente.

Depois de ter concluido a descobriga da Missão portugueza de Batugade, que dista consa de duas leguas da Missão de Atapupo para leste, e de me demorar dia e meio com estes bons padres hollandezes, vim para Dilli, no vapor da mala hollandeza, conseguindo com as minhas instancias, que o Rev.º Padre Jansen viesse pela primeira vez até Dilli vér a missão portugueza, aqui estabelecida desde 1877.

Veiu justamente no ultimo dia de maio e tivemos a satisfação de o vér celebrar o sancto sacrificio da missa na capella das religiosas canossianas, onde administrou o pão dos fortes a mais de 70 meninas e mulheres, que naquella dia alli se reuniram para se consagrarem de todo o coração á Rainha dos Anjos, a Virgem Maria N. Senhora.

Creio que o nosso amigo e bom Padre Jansen se iria com boas impressões para a sua missão de Atapupo.

Deodoro da Fonseca. — O ex presidente da republica brasileira, fautor principal da revolta contra a monarchia, falleceu em 23 d'agosto.

Era membro da maçonaria.

A estas horas está julgado no tribunal divino.

Agora, em posse da verdade, oxalá se não encontre no numero dos condemnados, do qual o não livraram os erros de sua vida, mas d'onde o poderia exemptar a divina misericordia.

Não esqueçamos todavia que é regra geral ser a morte consoante foi a vida. *Talis vita, finis ita.*

Sagrado Coração de Jesus. — De Arega participam-nos «que imponente festividade foi alli celebrada no dia 31 de julho em honra do Sagrado Coração.

«Muitas confissões e communhões realçaram esta inolvidavel solemnidade. A ornamentação do templo, a musica, as bandeiras, as murtas, as flores, tudo tambem combinado, tam harmonico, tam celestialmente alegre, que veiu confirmar uma vez mais a certeza de que as festas do Sagrado Coração de Jesus se fazem, por toda a parte, modelo das demais, pela actividade e

sancto fervor dos que n'ellas se occupam, pela affluencia e piedade dos fieis, pelo enlevo dos sentidos e delicias da alma.

«Se todas as festas se fizessem assim, como em pouco se reavizaria o espirito de fé que distinguia os primeiros christãos!

«Pregon o R. P. Lopes de Faria.

«De tarde saiu uma procissão magestosa.

«Todos aneiam agora por que tenhamos aqui uma imagem do Sagrado Coração, e é de esperar que, em pouco tempo, a devoção tam espalhada hoje n'este povo produza mais esse importante melhoramento.»

A confissão. — Os inimigos da confissão deviam callar-se, ao menos pela garantia que ella dá aos seus haveres. — Quantas restituções deixariam de effectuar se, se não fóra a confissão?

Em S. Sebastião (Hespanha) um deputado provincial entregou no cofre da deputação 8:000 pesetas (1:600\$000 rs.) que um sacerdote lhe dera, havidas d'um penitente que a elle se confessou.

Um industrial dos arredores de Ibal foi victima, em 1875, de um roubo consideravel. Fallecido ha pouco, a sua viuva recebeu do parcho da freguezia 30:000 francos (seis contos) como primeira verba da restitução total.

A *Croix du Calvados* escrevia ha tempos: «Recebemos uma carta, sem data nem assignatura, com uma nota de 100 francos (20\$000 rs.) e n'um bilhete adjunto, com letra disfarçada, as palavras seguintes: *Restitução aos herdeiros do sr. X*

O *Pilar*, de Saragoça, diz o *Novo Mensageiro*, annuncia a restitução de 3:500 pesetas (700\$000 reis) por intermedio d'um sacerdote d'aquella cidade.

Um sacerdote, diz a *Croix* de 12 do passado, entregou hontem no commissariado da policia uma bolsa com 4:600 francos (920\$000 rs.) que um penitente lhe confluou declarando tel-a roubado ha dez dias, na *gare* de Lyon, a um medico joven, no momento em que tomava bilhete na estação.

Ah! a confissão tem grandes vantagens e uma d'ellas é esta.

O mundo seria muito melhor se toda a gente se confessasse e se confessasse hem.

«União». — Começou a publicar-se em Vianna do Castello uma folha hebdomadaria, redigida por dois jovens de talento, a quem o zêlo da boa causa chama ás fileiras da imprensa. Desejamos-lhe vida prestimosa e longa, de tam urgente necessidade n'estes ruins tempos, em que o erro sobe de monte a monte.

A' faina pois, animosos paladinos, que é ainda hora de porfioso combate.

Um fundador das conferencias de S. Vicente de Paulo. — Sabe-se que um grupo de estudantes fundara em Pariz em 1833 estas piedozas associações, diffundidas hoje em todo o mundo, conforto providencial de milhões de infelizes. A esse grupo pertenciam Ozanam, mais tarde distincto professor na Faculdade de letras em Pariz. Lallier, Chernel, são simonismo convertido, De La Noue, filho do presidente do tribunal de Tours, e Lamache, da Mancha, nascido em 1810.

Pois este, o ultimo sobrevivente dos zelosos fundadores, acaba de fallecer ha pouco, deixando grande saudade por toda a França, onde numerosissimas conferencias foram estabelecidas por sua influencia.

De accordo com Monsenhor de Quélen, distinguio-se heroicamente na diffusão religiosa nas escolhas. Distincto professor de direito administrativo na universidade de Strasburgo, no começo da guerra com a Prussia, viu seus dois filhos alistarem-se em defeza da patria, e cairem prisioneiros do inimigo que os encarcerou na fortaleza de Radstadt. Foi em Grenoble que fundou a sua ultima conferencia.

Lamache lega aos seus um nome honrado com as muitas obras caridosas com que o illustrou.

Caminhos de ferro. — A 4 kilom. de Béziers, cidade do sul da França, houve o descarrilamento d'um comboio, cuja machina ficou despedaçada e muitas carruagens em estilhas. A circulação será interrompida por mais de um mez. Ficaram logo mortas quatro pessoas, o guarda-freio e tres passageiros. Os gravemente contusos e feridos foram sete ou oito, mas todos, uns duzentos, sentiram tam violento choque como o d'um abalo cerebral.

Foi uma horrivel catastrophe e parece incrivel seja tam reduzido o numero dos mortos e dos gravemente feridos, quando o trem ficou por completo inutilisado, e entre os destroços se encontram lagos de sangue, fragmentos de carne e pedaços de massa encephalica.

Foram feitas exequias solemnnes aos mortos, excepto ao machinista que, membro d'uma sociedade maçonica, teve um interro civil. isto é, um interro sem padre, sem orações, como d'um itracional.

Pobre alma!

Agosto—30.

VARIEDADES

Uma boa lição (1)

TINHA Margarida 24 annos; era formosa, possuía uma grande fortuna, mas... não era feliz.

N'aquelle rosto andavam sempre uns indícios visíveis de aborrecimento.

A exemplo de tantas outras, quando resolveu casar-se, olhou apenas para as vantagens materiaes, para a satisfação do amor proprio, para a facilidade dos prazeres mundanos, e, a dizermos a verdade, tudo quanto desejou, tudo isso alcançou.

Nos salões, elegante sobre todas, era sempre a bemvinda: a chegada de Margarida produzia uma saudação, um entusiasmo universal. Os convites aos seus jantares eram appetecidos como um bilhete das recitas de gala, e as partidas, á noite, tinham um tic de attractivo a que se não resistia. A casa de campo, no estio, regorgitava de amigos, e as escursões ás florestas, as refeições campestres, succediam-se aos jogos, ás distrações de toda a especie. A dança e a musica, punham sempre o remate a uns dias tam cheios de animação. Ao approximar do outomno, as caçadas numerosas vinham de reforço a estes prazeres todos, tam soffregamente gosados.

N'uma existencia assim, ininterruptamente occupada, não havia tempo para um minuto, um minuto só de reflexão.

Se ao menos tivesse Margarida o ensejo de ser mãe!

Todavia, até ao presente, não tinha vindo fecundidade ao casal, e nenhuma voz infantil vinha unir, n'esta familia, os eccos argentinios aos rumores continuos de festa.

Não se lastimava d'isso a joven dama; dava-lhe até consolação que assim lhe acontecesse para não achar impedimentos a sua ambição de gozar.

Mas, no meio de taes agitações, sustentava-se Margarida d'umas sombras de amargura, que lhe toldavam o espirito.

Como disseramos, o rosto, de hora em hora, patenteava uns indícios claros de aborrecimento, que tractou de combater com maior dôse de dissipações. O estio que findára, foi pois mais agitado que nunca, ao passo que o outomno, para compensação, se apresentava agora de côres sufficientemente desmaiadas.

Um negocio grave chamava-lhe o marido á capital, com demora longa, por cujo motivo, nem teria caçadas, nem reuniões alegres durante a ausencia. Ora, a vida do campo, sem um cortejo

regular de ociosos, era para Margarida um sacrificio enorme. Portanto, resolveu partir com o marido.

Mas, oh desgraça! estava-se no começo de outubro, quando a vida é toda no campo, e a capital se vê completamente deserta. Nem um salão aberto, nem uma senhora de casa com quem se possa ir *retalhar* um pouco, em damno do proximo, entre um calix de Malaga e um pirinhos de creme.

Era de lastimar a sorte de Margarida.

No emtanto, acontece por vezes que algum d'esses meteoros brilhantes das salas atravessa a capital, em caminho d'um para outro ponto. Esse feliz mortal tem a certeza, sempre, d'um amavel acolhimento da parte d'aquelles a quem uma sorte mesquinha retém na capital. E' o portador de noticiasinhas, é o echo das murmurações em voz baixa, contadas a toda a gente, bem graves muita vez, e por isso de perfume mais estimulante.

Na expectativa de similhante ventura descia Margarida, todas as tardes, pelas seis horas, ao seu elegante salão, a receber as visitas que... raramente appareciam.

N'um dia, de tempo detestavel, a chuva a cair, desde manhã, miudinha, fina, gelada, sem poder-se pôr o pé na rua, rogou-lhe o proprio cocheiro a mercê de não atrellar os cavallos. Demais, como nunca, via-se Margarida de salentada e aborrecida.

Meio encostada a uma mesinha recamada d'esses mil nadas que adornam as salas, á luz viva d'uma alampada preciosa, ensaiava prender o espirito á leitura da moda, um romance d'esses que deixam mal a alma, editado ha poucos dias.

Mas nem isso lhe desennuviava a fronte: vinte vezes bocejara de enfado; de minuto em minuto soltava um suspiro de desalento.

Lançou de si o livro agoniada.

—Que tédio, meu Deus! Isto é de se morrer! Haverá alguma infeliz como eu? Soou a campainha da antecâmara.

—Oh! emfim! exclamou.

E retomando a attitude de graciosa languidez, mais o livro ha pouco abandonado, simulou entreter-se na leitura.

A porta do salão abriu-se e o escudeiro annunciou:

—A snr.^a Marqueza de Condor.

Uma dama de talvez cincoenta annos, feições bellas ainda, porte distincto, vestidos humidos, com salpicos de lama, adeantou-se graciosamente, de braços abertos, para a joven indolente.

—Boas tardes, minha querida, disse muito alegre, has de dar desculpa aos meus pés pouco decentes e ao meu vestido como vés; mas carecia hoje absolutamente de noticias tuas, e antes de chegar á tua porta tive que fazer uma

andada não menos indispensavel que a tua visita.

—E eu adivinho d'onde é que vens tu, replicou Margarida, nem precisas de m'o dizer; os teus negocios grandes são assás conhecidos.

Era a marqueza uma d'essas mulheres melhor collocadas na sociedade. Rica, generosa, dedicada, espalhava o bem por toda a parte, sem desprezar por isso os deveres a que a alta sociedade tinha direito: desempenhava-os até, com tanta graça, tal gentileza de espirito, tam estremada bondade, que era universalmente querida. Os rapazes mais de cabeça leve e as pequenas mais dadas a futilidades honravam-se em extremo com a amizade da marqueza. E no emtanto, não era ella pessoa que lhes poupasse conselhos, ou alguma reprimenda, magistralmente applicada, sempre com tal habilidade, tam correcta forma de gracejo, que ninguem se dava por maguado e menos por offendido.

Com fina táctica, attrahira d'este modo ora um coração, ora outro, a um viver mais prestimoso.

Margarida, cujo caracter bondoso mas sufficientemente leviano lhe era assás conhecido, chamava-lhe, desde ha muito, cuidadosas attentões pelo receio que o futuro lhe inspirava.

Bem a proposito contava a marqueza com o isolamento da amiga, em que sabia a havia de encontrar. Como sempre, foi pois a visita recebida com prazer.

—Mas que impertinente caso te chamou á capital n'esta quadra infeliz?

—Cumprer saber, minha bella, replicou a marqueza, que ha umas obrigações que não esperam para o dia seguinte. Uma de minhas amigas carecia de mim; mora a alguns kilometros da capital; corri a allivial-a, vou passar lá dois dias, e aproveitando a occasião, era dever e gôsto vir aqui, e sinto-me feliz por este bello pensamento, porque, quando entrei, li um indício de magua no teu rosto. Consta, pois, em mim, filha. Que tens?

A esta pergunta directa, Margarida côrou. Sentia pejo de manifestar o tédio que a consumia... esse tédio, esse aborrecimento, sem causa, sem desculpa. Por isso callava-se. Porém a marqueza observou de repente:

—Para que has de occultar-me que andas mortificada... Eu adivinho; pois olha, eu venho curar-te.

—Curar-me?

—Tal qual; mas com uma condição...

—E é...

—Que me ajudes da tua parte...

—Só isso! abre-me lá depressa o recituario.

(Continúa)

Vers. de Cesar Carmo.

(1) Pela condessa de Beauropaire.